

Meu caro Lins, estas palavras disse eu a você em sessão, quando me endereçou a pergunta alusiva ao seu justo e rigoroso cuidado na aplicação dos recursos que o Senhor depositou em suas mãos fraternas a benefício de todos. Prossigamos para a frente com o zelo e a bondade por normas de ação. E que você e a nossa devotada irmã Nena continuem sempre inspirados por nosso Divino Mestre, nas lutas de cada dia, são os votos do seu amigo Romão”.

Cada um tirará dessas comunicações o proveito espiritual que quiser.

LINS DE VASCONCELLOS(**)

(**) Curioso notar que o Dr. Artur Lins de Vasconcellos Lopes veio a desencarnar em 21 de março de 1952, praticamente um ano depois da mensagem aqui relacionada. (Nota do Autor).

NÔVO DEPOIMENTO DE MANUEL QUINTÃO(*)

Depois de transcrever excelente mensagem de Emmanuel e o soneto “Sua Voz”, de Augusto dos Anjos, afirma M. Quintão:

“Agora, diz o médium — aqui está um Espírito que se apresenta de uma forma singular... Como que está ferido, todo envolto em panos e eu sinto odores de desinfetantes... Contudo, ele não demonstra sofrimento e até sorri...”

Agora, diz que tudo isso, é apenas para que seja identificado. Chama-se, chama-se... Américo. Lembramo-nos de Américo Melo, velho amigo de há 40 anos, recentemente desencarnado em São José dos Campos. Mas, não, não era Melo... Quem, então? Foi o Giffoni a lembrar: — *Almeida*. Sim, Américo de Almeida, o velho companheiro de lides doutrinárias na Federação, que vinha trazer-nos o seu abraço. De fato, assim desencarnara ele, qual outro Job, coberto de chagas ou melhor — todo numa chaga e envolto, e enterrado em panos. O médium ignorava esse pormenor, que, por natural sentimento de piedade, ficara circunscrito aos círculos mais íntimos da família, enquanto que, por nós, podemos garanti-lo, nenhum dos presentes poderia presumir e provocar tal testemunho. Vinha ele, assim, com aquela espontaneidade que será sempre o melhor cunho de comprovação, além do outro, peculiar, inconfundível e consensual ao subjetivismo de cada um. Todos induzimos e concluímos racionalmente, não apenas, e sim porque *todos sentimos*, que ali estava o saudoso companheiro, e com ele outro não menos querido e saudoso, que entre nós se chamou Ataliba de Lara e foi advogado de renome, ao seu tempo, nos auditórios do Rio de Janeiro.

Assim terminava a tarefa daquele dia”.

(*) M. Quintão, «Romaria da Graça», FEB, 1939, págs. 17-18.